ÁNGEL B. ESPINA BARRIO (ED.)

TURISMO, CULTURA Y DESARROLLO

ANTROPOLOGÍA EN CASTILLA Y LEÓN E IBEROAMÉRICA, X

separata

Diputación de Salamanca

INSTITUTO DE INVESTIGACIONES ANTROPOLÓGICAS DE CASTILLA Y LEÓN

Pedras Altas, Enseada de Brito: sentidos do naturismo numa comunidade tradicional

Telmo Pedro Vieira
Marcos Aurélio da Silva
Universidad Municipal de São Jose (Brasil)

Introdução

O balneário de Pedras Altas, localizado no município de Palhoça-SC, é uma das oito praias brasileiras oficialmente destinadas à prática do naturismo ou nudismo. De águas mansas, por situar-se no continente frontal à Ilha de Santa Catarina, onde está sediada a capital do Estado, é a praia palhocense de mais difícil acesso – é preciso enfrentar cinco quilômetros de uma estrada precária e estreita –, o que contribuiu para sua transformação em área de nudismo obrigatório, o que desde então gera muita polêmica na comunidade da Enseada de Brito, distrito ao qual pertence.

O nudismo, segundo a Federação Brasileira de Naturismo (FBrN), tem cerca de 300 mil adeptos oficiais no Brasil, sem contar os ocasionais, divididos em associações que adotam praias mais isoladas e também áreas de lazer de cidades não litorâneas, como vem acontecendo no Distrito Federal e estado de Goiás. Santa Catarina é o estado brasileiro com o maior número de praias oficiais, três no total. As duas mais antigas e também de maior freqüência de nudistas são a praia do Pinho, no município de Balneário Camboriú, a 80 quilômetros de Florianópolis, e a praia da Galheta, na capital. O Pinho abriga o nudismo obrigatório desde 1988 e das três é a que possui maior infra-estrutura para o turista. Agreste e isolada, a Galheta é local de naturistas desde os anos 70, mas apenas em 1997 uma lei municipal autorizou a prática, sem torná-la obrigatória.

A terceira praia nudista de Santa Catarina, Pedras Altas, ao contrário das outras duas e de tantas outras praias brasileiras, só começou a ser procurada pelos naturistas com o decreto municipal de 1991. Até então, o local era tido como um recanto privilegiado para a comunidade da Enseada que tinha ali a única praia balneável da região. O lugar que era espaço de retiros e lazer para a comunidade, tornou-se abruptamente uma praia de nudismo, o que desperta até hoje indignação por parte de alguns moradores, sendo que a questão moral da nudez não é o principal entrave. Entre os contrários, a maioria se ressente pela perda do espaço de lazer sem consulta pelo prefeito da época.

O fato de que muitas pessoas se colocaram contrárias ao naturismo no local, pela questão cultural de não aceitar a nudez, não pode ser explicado pelo fato da Enseada de Brito ser uma comunidade tradicional e de forte religiosidade. São questões que fazem parte da cultura brasileira, em que há uma conexão forte entre nudez e sexo, uma herança da cultura latina e cristã. O nudismo em si, como pregam os próprios naturistas, nada possui de obsceno ou pornográfico, o que explica que grande parte dessas praias sejam freqüentadas prioritariamente por famílias ou casais. Porém, isso não exclui o fato de muitas delas serem procuradas para encontros sexuais furtivos ou por *voyeurs*, que geralmente são pessoas não associadas aos grupos naturistas.

São essas situações que revelam os dois lados do naturismo na cultura brasileira que estarão no centro deste trabalho. Mais do que apenas mostrar as questões morais nestes contextos, o assunto é uma oportunidade impar de se pensar a questão do corpo e do turismo na cultura brasileira. É premente que, o desenrolar dessa problemática, se dá de acordo com as noções de corpo presentes numa determinada cultura e é o lugar do corpo na cultura brasileira que estaremos analisando nas páginas que se seguem. Mas é a questão do turismo, central em toda essa polêmica, que nos interessa com grande força aqui. A região da Grande Florianópolis, e Palhoça em particular, vivencia desde os anos 80 um desenvolvimento turístico que, além das transformações da paisagem urbana, têm afetado grandemente a própria paisagem social, com novos comportamentos e velhas tradições entrando em contraste e conflito.

Um dos exemplos mais polêmicos é a chamada Farra do Boi, muito comum no período da Quaresma, entre o Carnaval e a Páscoa, em que grupos de farristas correm atrás de um boi por ruas da comunidade, culminando com sua morte e consumo no final da "brincadeira". A tradição, comum desde a época da colonização açoriana, começou a ser uma preocupação nacional nos anos 80, quando a Capital catarinense começou a se tornar um destino turístico importante para o turismo interno. Nos anos 90, quando a região, além de destino turístico torna-se destino para os migrantes internos, vindos principalmente do Sudeste brasileiro e dos outros estados do Sul, o que era tradição torna-se uma problema policial e a farra do boi passa a ser sistematicamente inibida e os farristas punidos com prisão.

Com o naturismo, temos o inverso: neste caso é a "novidade", aquilo que representa uma mudança na tradição, é que tem gerado polêmica. As três praias naturistas de Santa Catarina sempre foram palco de muita polêmica, principalmente por conta da obrigatoriedade do nudismo, o que afasta os não

adeptos das praias, uma vez que a presença de pessoas vestidas pode inibir os naturistas. Na praia da Galheta, que não obriga a prática, a questão tem sido os conflitos entre nudistas e pescadores que utilizam a praia, já que os últimos associam o naturismo com promiscuidade. No caso de Pedras Altas, a questão maior da polêmica toda é a utilização de uma das únicas praias balneáveis da região de mar fechado de Palhoça para uso restrito de pessoas de fora da comunidade.

Aspectos metodológicos

O presente artigo foi construído a partir de incursões sistemáticas ao balneário de Pedras Altas e à comunidade da Enseada de Brito, durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 2007. Individualmente, os dois pesquisadores realizaram observação participante no local destinado à prática do naturismo, realizando entrevistas com os nudistas. Também foram realizadas visitas nas residências de moradores vizinhos à praia, onde se procedeu a realização de entrevistas abertas. Realizamos também uma série de pesquisas para entender a questão do naturismo no Brasil e mais especificamente na praia de Pedras Altas.

O turismo e a ocupação do litoral palhocense

Palhoça é um dos mais extensos municípios do litoral catarinense, com 361 km², a 40 quilômetros ao sul Florianópolis, nas coordenadas geográficas de 27° 40' de latitude sul e 48° 38' de longitude oeste. Neste território, vive uma população permanente estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2006 de 128,1 mil habitantes, sendo que 4.828 vivem na zona rural. Na alta temporada há um acréscimo significativo, chegando a 30% da população nas áreas balneárias localizadas no distrito de Enseada de Brito, do qual fazem parte as praias de Guarda do Embaú, Pinheira, Papagaios, do Sonho, Pedras Altas, Enseada de Brito, Praia de Fora, do Tomé, da Barra.

As primeiras informações sobre a ocupação humana na região advêm dos sítios arqueológicos que indicam ter sido o município ocupado por diversos povos indígenas há milhares de anos, principalmente os guaranis. O povoamento por parte do homem branco ocorreu em seu território, inicialmente na área da freguesia de Enseada de Brito a partir de meados do século XVII (+/– 1653), quando esteve habitando a área Domingos de Brito Peixoto, que a abandonou por problemas, indo se fixar em Laguna. De acordo com Farias (1980), foi em 13 de maio de 1750, a fundação da freguesia de Enseada de Brito, por casais vindos do arquipélago dos Açores. Portanto a data mais antiga relativa ao município de Palhoça é o da fundação de Enseada de Brito. A expansão desta ocupação se acelerou com as sesmarias doadas na região no século VXII.

Depois deste primeiro período de colonização e ocupação deste que hoje é o município de Palhoça, tivemos uma seqüência de fatos históricos e políticos que fizeram de Palhoça uma cidade próspera e considerada um grande

pólo turístico. Aqui citando a evolução político-adminstrativa, que vai desde a freguesia que foi criada pela lei provincial de novembro de 1882, portanto no século XIX e passando a Vila (município) em 24 de abril de 1894 pelo Decreto Estadual nº. 184, do governador Antônio Moreira César, tendo sido instalado em 23 de maio de 1894.

No ano de 1919, a Vila de Palhoça foi elevada à categoria de cidade através da Lei Estadual nº. 1.245, de 22 de agosto daquele ano. O desenvolvimento e o crescimento da então cidade de Palhoça foi o motivo de a mesma ser transformada em município no ano de 1894, incorporando as freguesias de Palhoça, Santo Amaro do Cubatão e Enseada de Brito.

Os recursos natural-paisagísticos e histórico-culturais do município são ricos em variedade e beleza. O Parque do Tabuleiro, com seus rios e cachoeiras, matas nativas e fauna diversificada. As praias de areias brancas, tanto de mar manso como de mar aberto atraem milhares de turistas na alta temporada. Guarda do Embaú, Pinheira, do Sonho, Papagaio (de mar aberto); Perdas Altas (naturismo), Enseada de Brito, Praia de Fora, do Tomé (de mar manso) .

O principal conjunto arquitetônico-urbanístico do município é a sede do distrito de Enseada de Brito, que apresenta a única praça com traçado original da época da fixação dos açorianos, em 1750, em cujo entorno ainda existem diversas construções do século XIX.

ECONOMIA: O TURISMO COMO OPÇÃO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Ao fazermos uma análise da evolução econômica da região de Palhoça, por setores econômicos, vamos perceber uma grande mudança na estrutura da economia regional, que vem migrando de setor primário para o setor terciário, um reflexo direto da intensa urbanização sofrida nos últimos anos pelo município.

De acordo com os dados da Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo de Palhoça, de 2003, o setor primário da economia, que envolve as atividades ligadas a agricultura, pecuária, extração vegetal, animal e mineral, que empregava a maior parte da mão de obra especializada do município, vem decrescendo em importância econômica, com a redução das áreas e pessoal envolvidos, tanto em face do desinteresse pelo setor, como devido a criação do parque da Serra do Tabuleiro que proibiu o uso de terras, que antes eram utilizadas pelos moradores.

A pesca artesanal é um exemplo do fenômeno que ocorre. De importante campo do setor primário da economia, sofreu uma retração muito forte, seja pela redução dos pescados ou pelo desestímulo aos que se envolvem com esta atividade. A maricultura se transformou nos últimos anos em uma das boas alternativas aos pescadores, que passaram a contar com uma fonte de renda segura. Por toda a costa de Palhoça, aqui mais especialmente na Enseada de Brito, esta atividade se tornou bastante importante, embora muitos dos que estão envolvidos nesta atividade não sejam pescadores, ou não viviam do mar.

No setor secundário da economia, que se expande com muita velocidade no município de Palhoça, principalmente nestes dois últimos anos, ocorre o paradoxo de gerar muitos empregos, ao mesmo tempo em que responde pelos maiores prejuízos ao meio ambiente.

A região da Grande Florianópolis, não tem sua vocação voltada para área industrial, apesar do município vizinho de Palhoça, São José, responder pelo maior parque industrial da região. Isto tem levado estas cidades a voltarem suas atividades para o setor terciário, em que se incluem as resultantes das atividades turísticas.

Esta busca por um setor da economia que leve a um desenvolvimento auto-sustentável e ao uso equilibrado dos recursos naturais e na promoção do bem-estar coletivo, harmonizando o seu uso com a manutenção do equilíbrio natural e paisagístico, levou o poder público municipal, órgão responsável pela implantação de políticas públicas, e aqui no caso de desenvolvimento econômico, a lançar projetos de cunho turístico para o município de Palhoça.

Estas ações tiveram início na década de 70, quando ocorria no município uma urbanização indiscriminada e agressiva ao meio ambiente. Muitas distorções e incoerências no uso dos recursos naturais e paisagísticos, levaram à quase a extinção de muitas espécies animais e vegetais nativas, bem como a quase destruição de todo o mangue que margeia o litoral próximo ao centro urbano da cidade de Palhoça.

Estas ações ocorridas durante este período nos levam a um diagnóstico muito triste sobre a realidade ambiental, mas ao mesmo tempo provoca o poder público a uma ação mais forte no que tange a políticas públicas turísticas para o município.

Neste prisma, durante as décadas de 1980 e 1990, surgiu no município uma série de iniciativas com o objetivo de implementar ações turísticas com uma vertente sustentável assegurando o desenvolvimento das comunidades e compatibilizando economia e conservação ambiental.

Dos muitos projetos apresentados e implementados, um em especial, chamou atenção de toda a comunidade palhocense e da região, pelo seu caráter inovador e polêmico. Tratava-se do projeto de criação de uma área de *naturismo* em uma praia do distrito da Enseada de Brito, mais especificamente na localidade de Pedras Altas.

Antes de entrámos propriamente dito na questão de Pedras Altas, cabe ressaltar que uma política de turismo deve ser implantada de forma planejada.

> O maior problema da ausência do planejamento em localidades turísticas reside no seu crescimento descontrolado, que leva a descaracterização e a perda da originalidade das destinações que motiva o fluxo dos turistas, e o empreendimento de ações isoladas, esporádicas, eleitoreiras e desvinculadas de uma visão ampla do fenômeno turístico. (RUSCHMANN, 1999, p.163)

Para que ocorra um turismo sustentável, como era o objetivo do poder público, todos os subsistemas devem estar conservados, para que aconteça a participação e aceitação da comunidade, e necessário que o turismo se desen-

volva de forma uniforme, sem sérias conseqüências a localidade e aos autóctones, garantindo a integridade dos recursos para dar continuidade a atividade a longo prazo.

Sabemos que um dos objetivos do administrador público, aqui no caso específico de Palhoça, ao implantar ações e políticas voltadas para o turismo, é a melhora na qualidade de vida dos residentes, a geração de lucro e a rotatividade de dinheiro na própria localidade. Segundo Brito (apud BELTRÃO, 2001, p.11), "o turismo como atividade produtiva, capaz de movimentar riquezas, arrasta as possibilidades de melhoria da condição de vida econômica-sócio-cultural das localidades receptoras das correntes turísticas."

O projeto de naturismo na região da praia de Pedras Altas gera impactos, positivos e negativos, já estão causando impasse, está sendo difícil avaliar quais estão em maior destaque, se a atividade turística está realmente sendo viável ao município nas condições que vem sendo realizada. O projeto do naturismo na região da praia de Pedras Altas gera impactos positivos e negativos, já que estão causando impasse, sendo que é muito difícil avaliar quais desses fatores estão recebendo maior destaque, ou seja, se a atividade turística está realmente sendo viável ao município dentro das condições que vem sendo realizadas.

No caso específico de Pedras Altas, a proposta do projeto de alteração do Plano Diretor do município, transformando a localidade em área de naturismo, não teve o planejamento necessário para evitar conseqüências desconfortáveis, buscando caminhos seguros e sustentáveis que deveriam ter começado pela sensibilização e conscientização da comunidade. Hall (2001) coloca que "esses devem estabelecer uma política de turismo com diretrizes que dê sustento a preservação de patrimônios natural, cultural e respeite o espaço geográfico, bem como a vontade de sua população criando uma comunidade sustentável."

PEDRAS ALTAS: UM RECANTO PARA OS NATURISTAS

Um belo balneário, dividido em duas pequenas praias de aproximadamente 100 metros cada, de águas calmas e de boa balneabilidade. O nome de Pedras Altas advém de um conjunto de rochas, que se destacam na parte sul da praia. De difícil acesso, a praia faz parte do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. A flora é rica em bromélias, palmitos, figueiras e frutas silvestres. A sua fauna tem com principais animais os quatis, cabritos, aves e raposas. Está situada a cinco quilômetros ao sul da Vila da Enseada de Brito, centro do distrito, na região conhecida como Canto da Enseada.

No ano de 1991, após muita polêmica na Câmara de Vereadores e muita discussão, o prefeito de então, Paulo Roberto Vidal, assinou o decreto de nº. 187/91-A, que "Institui Área de Preservação Ambiental e da Prática do Naturismo, sob a forma de concessão exclusiva à Federação Brasileira de Naturismo".

Até ser transformada em praia de nudismo, a localidade de Pedras Altas não possuía energia elétrica e era utilizada como recanto para piqueniques, passeios, trilhas ecológicas, ou ainda como refúgio para os pescadores durante trovoadas ou mudanças bruscas do tempo, por possuir uma pequena baía, pro-

tegida por rochas. Sua beleza natural estava praticamente intacta e a proteção do ecossistema da Mata Atlântica garantida por pertencer ao Parque Estadual da Serra do Tabuleiro ou mesmo pelo difícil acesso ao local.

OS SENTIDOS DA NUDEZ E DO NATURISMO NA CULTURA BRASILEIRA

O naturismo sob o ponto de vista dos seus praticantes é muito mais do que apenas abdicar do uso de roupas em locais especiais, como praias e colônias de férias próprias. Para muitos deles, é também um modo de vida natural e saudável, preocupado com o meio ambiente, a saúde física e mental e a alimentação. Num mundo em que as tecnologias cada vez mais avançam, com o risco iminente de catástrofes ambientais, entre outros eventos típicos da modernidade, o nudismo parece representar uma volta a um passado inocente, em que é possível um contato mais humano, menos sujeitos às barreiras sociais.

Mas é interessante perceber que esta idéia de passado também pode ser utilizada por aqueles que condenam o estilo de vida naturista, porém um passado não mais romantizado, mas que, ao despir o ser humano de toda a sua "evolução" o coloca no patamar das tribos selvagens. Lembramos ainda que, no Ocidente, o fato de muitos ameríndios utilizarem-se de poucas vestes foi tido como um motivo para considerá-los como "sem alma", "não civilizados", "sem história", "sem moral", abrindo as portas para o processo de escravidão e massacre de inúmeras e numerosas sociedades, do século XV ao século XIX.

Durante todo o processo de discussão para aprovação do decreto municipal que transformaria Pedras Altas em recanto naturista, os argumentos utilizados pelos dois lados recorriam à Bíblia, mais especificamente às passagens do Gênesis, no relato de Adão e Eva no paraíso: "tanto o homem como a mulher estavam nus e não se envergonhavam" (Gên. 2,25), defendiam os naturistas. Ao passo que os contrários emendavam que Adão e Eva não resistiram à tentação e pecaram: "Abriram-se então os olhos de ambos e reconheceram que estavam nus; coseram folhas de figueiras e fizeram cinturões para si" (Gên. 3,7).

Essa idéia de Natureza, como uma oposição à vida moderna, é uma atualização da dicotomia entre Natureza/Cultura, característica do Ocidente cristão, em que tudo aquilo considerado "biológico" ou que não seja produto direto da ação humana é considerado do reino da "natureza", portanto, fora do controle humano. Rodrigues mostra em seu estudo, *Tabu do Corpo*, o quanto as culturas humanas constroem suas noções sobre o corpo através de dicotomias entre o que é *nojento* e o que é *aceitável*, entre o que é *sagrado* e o que é *profano*. Assim, desenvolvemos vários rituais, geralmente entendidos como práticas higiênicas, que demonstram essa preocupação com uma *natureza* essencialmente caótica, simbolizada no corpo humano.

Pelos ritos, os homens expressam, afirmam e reafirmam a sua solidariedade e a sua interdependência, expressas em sentimentos, valores e forças naturais que eles dominam e manipulam simbolicamente, a fim de garantir pela reafirmação periódica, a ordem ideal do universo: um sistema de pensamento em

que o mundo é apresentado como um todo ordenado, em que cada coisa tem o seu lugar. (Rodrigues, 1983:135)

Os estudos sobre corpo têm tido, nas últimas décadas, um grande desenvolvimento, levando a teoria para além da dicotomia Natureza/Cultura, Corpo/Alma. O corpo, nestes novos paradigmas, "não é um objeto a ser estudado em relação com a cultura, mas deve ser considerado como o sujeito da cultura, ou em outras palavras, como a base existencial da cultura" (Csordas, 1990:5). Desta forma, cabe pensar o corpo não mais como a matéria sobre a qual a cultura se imprime, mas como o resultado da ação da própria cultura, o que se torna uma tarefa nada fácil numa cultura dominada pelos paradigmas das ciências biológicas, em que as dimensões culturais do corpo humano são negadas frente a uma fisiologia, cada vez mais determinista (Rodrigues, 1983:129).

Mas se observarmos o panteão de possibilidades de utilização dos corpos, nas diferentes culturas humanas, perceberemos que o uso que os seres humanos fazem de seus corpos nunca é natural, mas sim social. É através desse uso que se imprime uma certa noção de ser humano, idealizada naquela cultura. Nesse sentido, seria um erro, antropologicamente falando, colocar o não uso de roupa como algo que nos remeta a um primitivismo ou um passado inocente. Fazê-lo seria aceitar a máxima de que as roupas têm a mera função de nos proteger das intempéries ou para encobrir as "vergonhas".

O uso de roupas, bem como todas as práticas corporais desenvolvidas numa determinada cultura, não são resultado de uma natureza, mas de convenções sociais, como já afirmava Marcel Mauss (1934), em seu clássico ensaio, *As Técnicas Corporais*. Os movimentos do andar, da forma de posicionar os braços formam para Mauss uma "idiossincrasia social" e não o resultado de agenciamentos e mecanismos individuais psíquicos. Ou seja, nos movimentamos de acordo com um código partilhado, assim como sentimos e nos comportamos coletiva e não individualmente. Os cotovelos sobre a mesa, nessa acepção de Mauss, denunciam a procedência de uma pessoa. Para ele, trata-se mais do que simples hábito, ou exigência social, ou costume adquirido. "É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, ali onde de ordinário vêem-se apenas a alma e suas faculdades de repetição" (Mauss, 1974:214).

> São portanto, essas práticas, ritos que traduzem, para a linguagem do corpo, toda uma linguagem do comportamento social; ritos que imprimem no homem uma espécie de consciência visceral do mundo, altamente codificada, estruturada, rigorosa e socializada, em que as possibilidades de escolha são limitadas a mínimos parâmetros – porque qualquer liberdade é altamente significativa e põe em risco a totalidade do sistema de ordenação do mundo. (Rodrigues, 1983:135)

Nesse sentido, não é de se estranhar que a nudez cause repulsa e perplexidade. Por mais que se possa reconhecer uma naturalidade na nudez, essa naturalidade nem sempre é positiva. De acordo com essa "idiossincrasia social" de que nos fala Mauss, a nudez passa a ser uma linguagem desconhecida, perturbadora da ordem, não representando apenas a ausência material das roupas,

mas de toda uma sorte de códigos que garantem o lugar do corpo na cultura. Despidos de tais códigos, os seres humanos parecem abrir as portas de um mundo caótico, de onde as possibilidades de uma sexualidade desenfreada, como sugere o imaginário contrário ao naturismo.

Esse corpo liberto de códigos, livre das roupas e do que elas representam é justamente o que buscam os nudistas. O que significa dizer que tanto os praticantes do naturismo quanto os que são contrários a ele compartilham de uma mesma idéia de nudez, mas não de uma mesma idéia de corpo. Se para uns o corpo desnudo vai remeter às possibilidades de uma sexualidade livre, sem moral, para os naturistas é apenas uma forma de estar mais próximo a uma certa "natureza". Essa mudança de paradigmas costuma acompanhar a vida daqueles que aderem a prática do naturismo e chegam a tornar-se associados e também daqueles que experenciam a nudez pública esporadicamente.

Conviver com essa mudança de códigos foi a tarefa do casal de professores Anselmo e Célia, de 48 e 42 anos, quando foram convidados a freqüentar uma comunidade naturista. No início, acharam a idéia um tanto quanto absurda. Casados há 18 anos, o nudismo era algo particular do casal e poderia acontecer no máximo em uma praia deserta, em que estivessem sozinhos absolutamente, experiência que viveram na juventude.

> "Mas estar numa praia ou numa colônia de férias, com dezenas de outras pessoas sem roupa, sempre foi uma idéia que me desagradava", diz ela.
> "Um grupo de homens e mulheres sem roupa parece lembrar sacanagem, mas descobrimos que não é bem assim", emenda ele. (Anselmo e Célia)

Quando um outro casal de amigos, freqüentador de Pedras Altas, fez o convite, eles demoraram seis meses para aceitar e, desde 1996, passaram a ser adeptos do naturismo e se associaram logo no início.

> A experiência de estar sem roupa é como conquistar a liberdade. Só mesmo depois disso é que a gente questiona porque é que há tanto tabu em relação à nudez em nossa sociedade. A vergonha de estar nu torna-se tão ridícula, depois de 15 minutos ali. É quando descobrimos que nudez e sexo são coisas bem diferentes (Célia).

Depois da experiência libertadora, os dois trouxeram seus filhos que na época tinham oito e três anos. O mais velho deixou de freqüentar na adolescência, mas o mais novo, hoje com 14 anos, parece ter aderido o estilo e chega a achar estranho ir a praias em que o nudismo é proibido. Anselmo concorda com Célia e o filho, mas entende o outro lado, daqueles que negam a nudez como algo pecaminoso ou promíscuo.

> Nós mesmos tínhamos idéias que só depois de virmos aqui é que repensamos. Mas ainda hoje, me deparo com o preconceito de muitos amigos, da minha família. Aliás, nem todos em nossas famílias sabem. Temos certeza que a reação não seria totalmente positiva (Anselmo).

Essa ambigüidade em relação à nudez faz com que os ambientes naturistas tornem-se muitas vezes ambientes de tensão. A certeza de que nem todos comungam das mesmas idéias sobre a nudez, deixa os associados em estado de alerta quando da presença de pessoas estranhas. Se em alguns destes espaços os homens solteiros chegam a ser isolados ou mesmo proibidos, às vezes com violência, de ali permanecerem, o uso de câmeras fotográficas também não costuma ser bem vindo. Numa de nossas incursões ao balneário de Pedras Altas, assistimos a violência de um naturista em relação a um grupo de jovens que portavam uma máquina fotográfica. Foi preciso que um deles provasse, mostrando as imagens fotografadas, que não estava retratando o referido banhista e sua esposa.

Mas é mais curioso ainda pensar que outras práticas como o *voyeurismo* nem sempre são consideradas como indesejáveis. Na mesma ocasião em que presenciamos o incidente em relação à máquina fotográfica, observamos a presença de homens sozinhos que, das pedras que emolduram a praia, espiavam tranquilamente o referido casal que trocava carícias à beira-mar. Ou seja, se há os que gostam de olhar, há os que desejam ser observados, um outro componente que não podemos descartar desses contextos. O problema do registro fotográfico provavelmente era a impossibilidade dos fotografados preverem se seriam utilizadas como pornografia, o que provavelmente aconteceria num espaço descontextualizado.

A questão do contexto da nudez é importante de se pensar, uma vez que uma mesma imagem do corpo desnudo pode ganhar conotações diferentes (Rodrigues, 1983:132). Basta pensarmos no corpo nu de uma mulher numa revista masculina e essa mesma imagem numa revista médica. Dessa forma, a cultura brasileira, com suas heranças latinas, cristãs e modernas, desenvolveu códigos rígidos que colocam o corpo humano despido como algo sem controle, como um perigo não domesticado, que só pode ser aceito em certos contextos, como no consultório médico, na intimidade do quarto de dormir, na aldeia indígena, na pornografia ou mesmo em festas como o carnaval.

As praias e colônias naturistas por mais isoladas que sejam, perdem essa condição de contexto apropriado, pois continuam sendo públicas e acessíveis a qualquer pessoa, na ótica daqueles que são contrários. Revelam um corpo que, despido das referências distintivas, transforma a normalidade em caos, as certezas em inseguranças.

Cabe lembrar que apenas em oito praias brasileiras é possível praticar o naturismo com respaldo na lei, mas que, em todas as outras, de um litoral de 9 mil quilômetros de extensão, a prática é proibida e pode ser punida. Em cidades como o Rio de Janeiro, por exemplo, onde é comum a prática do *top less*, não é raro que alguns freqüentadores mais conservadores dessas praias sintam-se intimidados e chamem a polícia que, baseada numa idéia de "atentado ao pudor", pode impedir a prática, mesmo que não haja ali nenhuma obscenidade.

A COMUNIDADE DIVIDIDA

Mas a história da transformação de Pedras Altas em um espaço de naturismo não pode ser pensada apenas como uma polêmica que envolve os sentidos da nudez e do naturismo. No caso específico de Palhoça, um município de beleza natural impar, essa questão ganha outros contornos e, inevitavelmente, temos a questão do desenvolvimento turístico como o pano de fundo de toda essa polêmica. O município começou a ser "descoberto" turisticamente nos anos 70, mas apenas nos anos 90, do século passado, é que começa a se moldar uma consciência das possibilidades de desenvolvimento da cidade através do turismo.

Palhoça, assim como muitos municípios da região, vivenciou até recentemente a condição de ser uma cidade-satélite da capital catarinense. O poder público pouca atenção destinava à questão turística, uma vez que a região das praias, que é o próprio distrito da Enseada de Brito, representava apenas 10% da população do município, concentrada em sua maioria na área central de Palhoça. Durante os anos 90, algumas estratégias começaram a cuidar mais da questão turística, sem que, no entanto houvesse um planejamento cuidadoso de desenvolvimento sustentável. Questões como calçamento de ruas e proibição de lançamento de esgotos nos rios e praias, são algumas das poucas ações que demonstram a preocupação com o turismo.

A transformação de Pedras Altas em área de nudismo foi uma dessas poucas estratégias do poder público para alavancar o turismo em Palhoça. Num litoral marcado pelas suas populações tradicionais, de origem açoriana, a novidade acabou trazendo o lado negativo do turismo, não pela questão do nudismo em si, mas pelo fato de ser uma proposta vinda de cima para baixo, sem consulta aos moradores. A situação não é diferente de outros empreendimentos turísticos que, sob a justificativa de desenvolver a economia, não ouvem os nativos dessas localidades e implantam os projetos sem consulta, sendo paralisados apenas pela ação da justiça. A reação de alguns membros da comunidade foi tal que ao colhermos os depoimentos sentíamos certa frustração da população nativa, com o prefeito, que aceitou a proposta.

Outros se sentiam inconformados com a destruição do meio ambiente no entorno da praia, tendo em vista que os naturistas construíram, mesmo que de forma rústica, uma pousada e um bar. Consequentemente houve um desmatamento naquela área intocada pelos nativos, um recanto que sempre que podiam, praticavam seu lazer, num equilíbrio homem/natureza, sem precisar desmatar e agredir o meu ambiente. Muitos dos adultos e mesmo as crianças da catequese, que tinham nesta praia o seu espaço de lazer e mesmo de retiros espirituais, ficaram chocados com a proibição de não mais poderem entrar na área, se não fossem praticantes do naturismo.

> "Fiquei revoltada, era nosso lugar de passeio, lazer, os pescadores pegavam suas canoas nos domingos e levavam, quem quisesse passar o dia lá, com as crianças, uma praia tranqüila, areia fina, e o mar muito limpo". (Nadir Eugênia Pereira – 39 anos)

Outros moradores se manifestam de forma imparcial, desde que a prática do naturismo não afete o seu dia-a-dia. Um morador expressou desta maneira a sua opinião:

> "Não sou contra desde que não mexam com a moral, tudo bem. Depois que botaram a praia de nudismo, não botei mais os meus pés lá. Respeito, mas não vou mais lá. Sempre ia pescar naquela praia, agora está proibido. Então eu respeito". (Manoel Gonçalves de Souza, 58 anos)

Mais próximo da área de naturismo, encontramos um grupo de nativos que nos relataram de forma positiva a presença dos naturistas, mas externaram sua decepção com o prefeito da época, com o qual eles mantinham uma boa relação. O fato que mais marcou a população nativa foi o ato de transformação da área, sem ouvir a população, sem uma consulta prévia aos moradores e, sobretudo, sem apresentar um projeto de desenvolvimento turístico para região, ficando caracterizado simplesmente uma ação política com fins desconhecidos. Este grupo não demonstrou nenhuma objeção ao fato de o objeto de transformação estar ligado a um turismo diferenciado, aqui, mas específico, o do turismo naturista.

Muitos dos moradores do Canto Sul da Enseada como é conhecida a área, acham que a vinda deste grupo de moradores "turistas", está contribuindo em muito para dar sustentação as reivindicações desta comunidade. Um exemplo bem claro é o fato de que somente após a transformação das áreas, é que a comunidade recebeu energia elétrica. Outro fator importante, esta caracterizado no pequeno comércio que existe no caminho que dá acesso a praia de Pedras Altas. Um exemplo é o mini-mercado, "armazém e lanchonete do Ademir" que serve aperitivos de frutos do mar, passou a contar com a presença dos turistas naturistas que são vizinhos, ampliando o comércio e fazendo girar mais recursos financeiros no bairro.

A proprietária do estabelecimento comercial, Dona Dilma Maria Elias, 39 anos, relata:

> "No começo o pessoal era contra, pois era a única praia boa aqui do canto, que nós tínhamos para tomar banho acampar, no início foi aquele transtorno. O pessoal fez diversas manifestações e chegaram até a fechar a rua. Tudo isto aconteceu de uma hora pra outra, da noite pro dia. Hoje, hoje eu tenho eles como uma família minha, amigos meus, só que nós não freqüentamos mais a praia. Eles nos convidam pra irmos lá, mas nós não vamos. O nosso lado (comércio) cresceu através deles, vem muita gente de fora. No início eles não deixavam os pescadores entrarem com seu barcos, hoje, eles já podem passar por ali. Muitas gente ainda quer tirar a praia deles, porque era nossa".

Outro ponto que faz com que parte da comunidade não tenha rejeição é o relacionamento com os freqüentadores do lugar. Os naturistas conquistaram os moradores pelo simples fato de demonstrarem que a prática do nudismo, não os transforma em pessoas diferentes. E estes, numa estratégia de conquista da comunidade, passaram a convidar os nativos para visitarem suas casas,

irem almoçar com eles, mostrando que eles têm uma vida normal, baseada no respeito, na ordem e na ética. Mostraram que também querem ver a localidade protegida por leis ambientais e preservam a fauna e a flora do local, principalmente na construção de seus espaços de moradias, sempre em harmonia com a natureza.

Mas, nem todos comungam desta visão e deste relacionamento, e mantém uma luta pela revogação do decreto municipal, retornando a área para uso de todos, sem proibição.

Conclusão

Quando decidimos construir um artigo sobre o balneário de Pedras Altas, nos interessava, em maior medida, pensar a questão da nudez, frente a uma comunidade tradicional, de base cultural açoriana. No campo, porém nos deparamos com a questão turística, que parecia ser o pano de fundo maior de toda polêmica. O caso analisado aqui, desta forma, ofereceu-nos a dupla possibilidade de pensar a questão cultural do corpo e os conflitos vivenciados pelas populações da região com o desenvolvimento turístico dos últimos 30 anos. A região da Grande Florianópolis é prenhe de situações impares que nos possibilitam pensar o quanto o turismo pode apresentar a dupla face do crescimento econômico e da falta de planejamento que gera descontentamento e choques de mentalidades.

O turismo, como no exemplo estudado por nós, pode se converter numa oportunidade de convívio das diferenças culturais. Mas, muitas vezes, o choque cultural, na ótica capitalista, é interpretado como entrave e a tradição entendida como atraso. O caso de Pedras Altas demonstra que, na maioria das vezes, é a falta de diálogo, com decisões tomadas sem consulta popular, que geram esses entraves e que mesmo uma comunidade tradicional pode compreender as diferenças quando elas lhe são apresentadas e não impostas.

Bibliografia

Beltrão, Otto di (2001). *Turismo: A indústria do Século XXI*. São Paulo: Novo Século.

Csordas, Thomas J. (1990). "Embodiment as a Paradigm for Anthropology". *in Ethos*. 18(1).

Farias, Vilson Francisco de (1980). *Enseada de Brito: evolução histórica e demográfica de 1778-1907*. Tese de Mestrado, UFSC.

Hall Michael C. *Planejamento Turístico: Políticas, Processos e Relacionamentos*. São Paulo: Ed. Contexto. 2001. 304 p.

Ibge. (2004). *Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000* - Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE.

Mauss, Marcel. "As técnicas corporais". *in Sociologia e Antropologia. Vol. II*. São Paulo: EPU/EDUSP, [1934] 1974. pp. 209-233.

Rodrigues, José Carlos. *O Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

Ruschmann, Doris (1999). Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente. 5 ed. Campinas: Papirus.